O fingidor melancólico: Tabucchi

Silvia La Regina

> E ele pensou que existe uma ordem das coisas e que nada acontece por acaso; e que o acaso é exatamente isto: a nossa impossibilidade de entender os nexos reais das coisas que são, e percebeu a vulgaridade e a presunção com as quais juntamos as coisas que nos cercam.
>
> Antonio Tabucchi
>
> *Il filo dell'orizzonte*

Publicado in *A Tarde Cultural*, 08/02/1992, p.8-9

A literatura italiana contemporânea, após um período muito fraco (notavelmente na década de '70) parece agora estar vivendo uma estação, se não dourada, pelo menos de prata: até poucos anos atrás, parecia não ter ninguém merecedor de atenção além dos grandes nomes consagrados como Italo Calvino, Elsa Morante, Alberto Moravia, mortos entre '85 e '90. A partir da década de '80, porém, algo parece ter mudado, inicialmente com o grande *exploit* narrativo de Umberto Eco, cujos best-sellers têm mostrado um novo modo de escrever romances, misturando habilmente erudição e romance policial. Têm surgido bons escritores, às vezes ótimos, normalmente não ligados a escolas ou correntes literárias, mas todos independentes e muito autônomos, com estilos originais e perfeitamente diferenciados, como Paola Capriolo, Andrea de Carlo, Pier Vittorio Tondelli, Aldo Busi e, sobretudo, Antonio Tabucchi.

Antonio Tabucchi recentemente foi definido como um escritor mais misterioso do que seus próprios romances e contos, nos quais o enigma, a atmosfera de expectativa de algo frequentemente carregado de inquietude e dramaticidade, enfim, o mistério constituem sempre elementos fundamentais, se não os protagonistas absolutos. Realmente, deste enigmático professor de literatura portuguesa na universidade de Genova sabe-se pouquíssimo: o escritor, nascido em Pisa em 1943, ama se esconder da curiosidade e da indiscrição (talvez por ser ele mesmo curiosíssimo das histórias e vidas alheias), detesta a mundanidade e vive distante do clamor urbano numa pequena aldeia na região de Pisa. Apesar de sua esquivança, rara numa época em que muitos escritores amam promover-se de forma por vezes agressiva, Tabucchi já encontra-se na condição de autor "cult". Existem traduções de seus contos e romances para a maioria das línguas do mundo, do japonês ao finlandês; está prestes a sair o terceiro filme baseado numa obra sua, *Il filo dell'orizzonte*; suas duas *pièces* teatrais, reunidas sob o título de *I dialoghi mancati*, logo após a publicação, em 1988, foram representadas no festival de Avignon e em Milão sob a direção de Giorgio Strehler, provavelmente o mais famoso diretor de teatro italiano; enfim, o escritor já recebeu vários prémios literários, entre os quais o prestigioso *Médicis Étranger*, em 1987.

Antes de tornar-se famoso com sua produção narrativa, Tabucchi ganhou notoriedade com a edição e tradução italiana de Fernando Pessoa, e como ele próprio lembra com justo orgulho, na Itália a obra do grande português permanecera

praticamente desconhecida até a publicação organizada por Tabucchi, com o magnífico título de *Una sola moltitudine*, em dois volumes (respectivamente, 1979 e 1984); sucessivamente ele traduziu e publicou toda a obra disponível de Pessoa, ao mesmo tempo em que escreveu muitos ensaios sobre o poeta. Tabucchi traduziu também alguns poemas de Carlos Drummond de Andrade, com o título de *Sentimento del mondo* (1987). O escritor anunciou nestes dias a próxima publicação de um novo romance, do qual não revelou o título mas disse, com seu gosto pelo paradoxo, ser "uma oração fúnebre, porém alegre"; este romance, que fala "da morte e da gastronomia", ambientado em Lisboa, foi escrito em português. Tabucchi não quer ser ele mesmo o tradutor para o italiano, pois, ele diz, isso implicaria numa recriação; a tradutora vai ser provavelmente Luciana Stegagno Picchio, a estudiosa de literatura, filologia e lingüística que foi professora de Tabucchi na pós-graduação e quem o aproximou à cultura a língua portuguesa.

Tabucchi sem dúvida é um dos maiores conhecedores da literatura portuguesa e da cultura lusitana em geral; ele frequenta Portugal desde os tristes anos do salazarismo, quando, como ele diz, aquela pequena nação vivia no esquecimento da Europa, e por esta esquecida, o que na visão do escritor constituía um fascínio especial. Ele, porém, não lamenta absolutamente o fim da ditadura fascista, como testemunha o conto "Notte, mare o distanza" (da última coletânea, *L'Angelo nero*), relato de uma noite outonal da década de '60 numa Lisboa degradada pela violência incoerente da polícia fascista; no conto, apesar do argumento, o autor não renuncia à habitual atmosfera de mistério e de intuição de uma outra triste, mágica realidade. Outros contos, como os de *I volatili del Beato Angelico*, são ambientados em Portugal ou traem inspiração da história portuguesa. É notável e importante também o fascínio de Tabucchi pelo Oriente, a China e sobretudo a Índia, onde é ambientada uma de suas obras mais famosas, o romance *Notturno indiano*.

O escritor, mesmo tendo escrito vários breves romances, prefere o conto, que para ele é, em sua forma fechada, um desafio maior e mais estimulante; Tabucchi considera um prazer a literatura, a criação, ao mesmo tempo em que admite se sentir culpado por causa da escritura, a qual representaria um ato soberbo - porque com ela dá-se uma interpretação do mundo, e são gerados personagens obrigados a cumprirem seu único destino, o único possível, predeterminado pelo autor. De um modo geral, a culpa em si representa um dos temas centrais deste escritor, sendo muitas vezes uma culpa obscura, antiga e inadmissível (veja por exemplo os contos "Voci portate da qualcosa, impossibile dire cosa" e "Il battere d'ali di una farfalla a New York può provocare un tifone a Pechino?"). Outros temas fundamentais de Tabucchi são a indecisão, a viagem, a incapacidade, o mal, a mentira, o equívoco (a coletânea de contos que revelou Tabucchi ao grande público é intitulada *Piccoli equivoci senza importanza*, ou seja, pequenos equívocos sem importância), a pluralidade, a ilusão: a maioria deles revela a fundamental influência de Pessoa, sobretudo do Bernardo Soares do *Livro do desassossego*, mas também de Alvaro de Campos. Quando Tabucchi afirma "a ilusão é a felicidade" ou que gostaria de ser mais pessoas, que os escritores são todos mentirosos que através desta mentira expressam a realidade, ou escreve, no conto "Una giornata a Olimpia" (de *Il gioco del rovescio*) "com certeza, era eu quem pensava, mas ao mesmo tempo não era eu, mas quase um quarto que restituísse o eco de um outro som", parece realmente de ouvir a voz de Pessoa; estas afinidades e influências, porém, não são absolutamente fruto de banal imitação, mas pelo contrário a arte de Tabucchi é extremamente original por seus conteúdos e formas, enquanto a herança do poeta é algo de mais profundo e meditado, maturado através de anos de frequentação das obras e até dos lugares de Pessoa, com o qual o escritor italiano é além do mais parecido também

fisicamente, numa confusão de identidades que mais uma vez leva diretamente ao autor português.

Em "Il signor Pirandello è desiderato al telefono", *pièce* de *I dialoghi mancati*, Pessoa torna-se personagem de Tabucchi - mas aqui a ficção é dupla, pois quem é representado é um ator representando Pessoa - num imaginário diálogo telefônico com Pirandello, enquanto na realidade os dois escritores nunca chegaram a se conhecer; a escolha não é casual, pois Pirandello, como Pessoa, representou em suas obras a procura e a perda da identidade e da personalidade e enfim a esquizofrenia.

[9] Tabucchi escreve por subtrações, elipses, de uma forma que é ligada a seu grande amor pelo cinema; numa breve prosa do livro *I volatili del Beato Angelico* (significativamente intitulada "Storia di una storia che non c'è", história de una história que não é) ele diz que seu estilo é "alusivo demais" e que à origem de um seu romance depois perdido tinha "em parte algumas lembranças, que em mim sempre se misturam com a fantasia, sendo então pouco atendíveis; em parte a urgência da ficção (…); em parte a solidão, que frequentemente é a companhia da escritura". Isso vale também para a inteira obra de Tabucchi, na qual o não dito, as alusões, percepções sutis e vagas têm um papel fundamental; às vezes é possível intuir um motivo autobiográfico, mas longe e distorcido, como algo visto através da água ou vivido num sonho. É este o caso de "Capodanno", o conto mais longo e significativamente conclusivo de *L'angelo nero*, a história de um menino (filho de um oficial do exército fascista morto em circunstâncias cruéis e secretas) que em sua mórbida tristeza escreve para o Capitão Nemo de Verne e conversa com ele, que imagina escondido no porão; tudo entrelaçado estreitamente com sonhos - muitas vezes pesadelos - e lembranças, num jogo no qual é impossível distinguir realidade e fantasia. Aqui Tabucchi consegue um de seus melhores resultados, num estilo seco, nitidamente mágico, ao mesmo tempo alusivo e reticente. O conto que abre a mesma coletânea, "Voci portate da qualcosa, impossibile dire cosa" soa quase como uma declaração de poética: o anônimo protagonista percebe fragmentos de conversas nas ruas, no bar, no vento, e ligando-os forma uma nova sequência, uma mensagem vindo de algum outro lugar indistinto, talvez o além; esta parece ser realmente uma das formas de composição de Tabucchi, captar temas e histórias sobre um ônibus, num lugar qualquer. Em um dos curtos prefácios que quase sempre abrem seus livros, escreve de seus contos: "hipocondrias, insônias, impaciências, saudades são as musas claudicantes destas breves páginas" (*I volatili del Beato Angelico*, p.9).

Para Tabucchi, "a arte e a literatura têm que remediar à impossibilidade, substituir-se a algo que na vida não se realizou"; nada parece ser o que é, tudo é sempre pelo menos algo mais. Assim, escreve que os contos de *Il gioco del rovescio* nasceram de uma descoberta, "o ter me dado conta um dia, pelas imprevisíveis circunstâncias da vida, de que uma dada coisa que era 'assim' era ao invés também de outra forma" (p.5).

Antonio Tabucchi é hoje com certeza a voz mais original da narrativa italiana, e uma das mais significativas da literatura europeia em geral; não é um escritor "fácil", pois requer do leitor aplicação, sensibilidade, intuição, muita cultura para perceber e apreciar as referências frequentes e escondidas. Ele, de forma cerebral e sombria, relata e encarna a perplexidade existencial e metafísica contemporânea, a angústia e o fascínio perante o desconhecido que caracterizam a expressão deste final de milênio.

Obras de Tabucchi

Piazza d'Italia	1975
Il piccolo Naviglio	1978
Il gioco del rovescio	1981
Donna di Porto Pim	1983
Notturno indiano	1984
Piccoli equivoci senza importanza	1985
Il filo dell'orizzonte	1986
I volatili del Beato Angelico	1987
I dialoghi mancati	1988
Il gioco del rovescio (II ed., com 4 contos a mais)	1989
Un baule pieno di gente	1990
L'angelo nero	1991